

A didatização e a precária divisão de pessoas em faixas etárias: dois fatores no processo de (não) formação de leitores¹

Ricardo Azevedo²

“A ciência é incapaz de resolver os mistérios finais da natureza, porque nós somos parte da natureza e, portanto, do mistério que tentamos resolver.”

Max Plank

“A leitura do mundo antecede a leitura da palavra”

Paulo Freire

É imprescindível compreender e enfrentar a questão da formação de leitores, para que o Brasil possa se desenvolver como sociedade e sair, definitivamente, da situação de desigualdade social em que se encontra.

As dificuldades, entretanto, são muitas e de diferentes ordens.

Há problemas conjunturais tais como a existência de numerosos pais analfabetos ou semi-analfabetos; famílias dependendo do trabalho infantil para poder sobreviver; pessoas morando em casas, por vezes de um só cômodo, sem espaço e iluminação adequados para a leitura.

Há o preço do livro, alto para os padrões nacionais de renda, e a quase inexistência, fora dos grandes centros, de livrarias e bibliotecas.

Há o contato de crianças com adultos – pais e professores – que, apesar de alfabetizados, não são leitores.

Há, além disso, questões teóricas, não menos importantes, como a da própria conceituação do que seja a leitura ou a da determinação das implicações cognitivas envolvidas na aquisição da escrita.

É razoável afirmar, em todo o caso, que crianças e jovens com uma situação social minimamente equilibrada e que, por sorte, mantenham contato com adultos leitores – referimo-nos a leitores de fato e não apenas gente alfabetizada – tenham boas chances de também se tornarem leitores.

¹ Publicado em *Literatura e Letramento – Espaços, suportes e interfaces – O jogo do livro* - Org. por Aparecida Paiva, Aracy Martins, Graça Paulino e Zélia Versiani – Belo Horizonte – Editora Autêntica – 2003, ISBN 85-7526-092-8.

² Ricardo Azevedo, escritor e ilustrador, é doutor em Teoria Literária na Universidade de São Paulo.

Em compensação, dificilmente vão se tornar leitoras crianças, mesmo as socialmente privilegiadas, que tenham contato com adultos – sejam eles pais, parentes ou professores – que recomendam e elogiam a leitura, indicam nomes de livros e escritores “clássicos”, defendem a importância dos livros mas, na verdade, não são leitores, não apreciam a literatura, nem sequer sabem usar livros. São apenas “politicamente corretos”.

Leitores são pessoas que sabem diferenciar uma obra literária de um texto informativo; pessoas que lêem jornais mas também lêem poesia; gente, enfim, que sabe utilizar textos em benefício próprio, seja para receber informações, seja por motivação estética, seja como instrumento para ampliar sua visão de mundo, seja por puro e simples entretenimento.³

Como sabemos, devido, entre outros fatores, ao número pequeno de livrarias e bibliotecas, a escola, no Brasil acabou se tornando um grande espaço mediador da leitura. É na escola que a maioria das crianças vai ter seu primeiro contato com o livro.

Entre os vários e complexos problemas resultantes da mediação escola-leitura, pretendemos, neste breve artigo, salientar dois: a didatização do livro e a apresentação de um mundo onde as pessoas estão divididas em faixas de idade.

Infelizmente, muitas de nossas crianças – e boa parte dos adultos – ainda confunde livros didáticos com livros de literatura.

Nas camadas mais pobres da população, a situação é bastante grave. Crianças pobres só têm acesso quase que exclusivamente aos livros e textos didáticos e informativos, fornecidos gratuitamente pelas escolas públicas. Para elas, portanto, o livro é sinônimo de escola, informações e lições.

Em outras palavras, ao que parece, boa parte de nossas crianças é levada a acreditar que todos os livros existentes são necessária, intrínseca e essencialmente didáticos, ou seja, tratam de um ramo específico do conhecimento (de uma determinada matéria) e contêm regras, leis, métodos, lições e informações unívocas que precisam ser aprendidas.

Abrindo um parênteses, em nossa sociedade – pelo menos em seus estratos organizados – muitos adultos, diante de uma criança, aparentemente só conseguem enxergar um papel a cumprir: o de “professor”. Por analogia, dentro dessa concepção,

³ C.f. nosso artigo “Aspectos da Literatura Infantil Brasileira” in Revista Releitura, Belo Horizonte, 2001, nº 15.

só haveria espaço para um tipo de livro: o que “ensina”. Uma das implicações dessa postura é a apresentação da infância como sendo formada por seres imaturos, incoerentes, egoístas, irracionais, indisciplinados, sem discernimento, selvagens, sem juízo, impulsivos, caprichosos, inseguros, parciais, desequilibrados, indisciplinados, inexperientes, irrequietos, irresponsáveis, ignorantes e errados por princípio, indivíduos cegos com relação às coisas da vida e do mundo, que precisam mudar, crescer, ser domados e assim, finalmente, amadurecer e compreender a “realidade”, as regras complexas e a sabedoria líquida e certa do mundo adulto.

O mundo adulto, por sua vez (e em oposição), seria composto por seres maduros, coerentes, altruístas, sérios, racionais, disciplinados, com discernimento, civilizados, ajuizados, comedidos, controlados, razoáveis, seguros, imparciais, isentos, equilibrados, disciplinados, capazes de distinguir a “realidade” da “fantasia”, experientes, quietos, responsáveis, sábios e corretos por princípio (!).

O resultado dessa tradição, dessa visão do que seria o universo e a “alma infantil” é a apresentação e descrição de um mundo bastante idealizado, regido por normas de conduta abstratas e pré-concebidas, onde *a priori*, independentemente de tudo, adultos são sempre equilibrados e coerentes, contradições e ambigüidades inexistem na idade madura e realidade e razão, nessa faixa de idade, são sempre nítidas e sob controle. Em tal mundo, adultos são identificados como seres previsíveis e lógicos em busca de sua “natural” integração ao *status quo*. Naturalmente, num contexto assim, várias tendências intrinsecamente humanas, independentemente de faixas etárias, tais como o egocentrismo, a incoerência, a passionalidade, a parcialidade, a busca do prazer, a curiosidade, a dúvida, a irreverência, a predisposição de representar e a vontade, às vezes irracional, de jogar, brincar e experimentar, – todos, por sinal, elementos ligados à subjetividade e à particularidade – ou não existem ou são condenados e substituídos pelo auto-controle, pelo equilíbrio, pela racionalidade, pela coerência, pela imparcialidade, pela objetividade, pela isenção, pela sabedoria e pelos “bons” sentimentos.

Com a idealização e, mesmo, a desumanização do ser adulto, cria-se uma espécie de fosso separando crianças e adultos, como se existissem dois estados etários

sólidos, homogêneos e de contorno absolutamente nítido e, por conseguinte, como se entre crianças e adultos não houvessem pontos comuns.⁴

Mas voltemos aos livros.

Como se sabe, existem diversos tipos de livros. Há, por exemplo e para ficar em nosso assunto, uma imensa diferença entre livros didáticos e algo que possa ser chamado de literatura infantil.

Livros didáticos são utilitários por definição (sua utilidade em geral é apresentada já na capa: Gramática, História, Ciência, Matemática); têm compromisso com as matérias do currículo oficial; apresentam discurso impessoal e objetivo; pretendem transmitir informações; pretendem ser unívocos (são preparados para que seus leitores cheguem às mesmas conclusões); necessitam de atualização periódica, afinal, o conhecimento e as metodologias mudam com o passar do tempo. Veja-se o seguinte texto:

“Nem todos os homens teem a mesma côr. Não é igual a sua maneira de viver em toda a parte. Teem costumes e hábitos diferentes (...) Os negros matam as aves e os animais com flechas, *porque* não teem espingardas. Os povos selvagens precisam as vezes, de ser castigados, *porque* são maus. Não sabem lêr e escrever *porque* não querem. Eu não quero comer *que* não tenho fome. Tu não comerás *que* não tens fome. Êle comeria *porque* tem fome. Estuda *que* aprenderás. Estudarei *porque* preciso.”

Trata-se de um texto didático português do princípio do século XX que demonstra o quanto a atualização periódica é uma necessidade básica para o livro didático.⁵

A nosso ver, textos didáticos são essenciais para a formação das pessoas, têm seu sentido e seu lugar, mas não formam leitores. É preciso que, concomitantemente, haja acesso à leitura de ficção, ao discurso poético, à leitura prazerosa e emotiva. É necessário

⁴ C.f. Nossa dissertação de mestrado “Como o ar não tem, cor se o céu é azul? Vestígios do contos populares na literatura infantil” disponível na biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo.

⁵ Temos o livro mas, infelizmente, o mesmo não tem capa nem informações bibliográficas.

que alguém chore, sonhe, dê risada, fique emocionado, fique identificado, comungue, enfim, com o texto, para que ocorra a formação do leitor.

Falar em literatura, como sabemos, significa falar em ficção e discurso poético, mas muito mais do que isso. Significa abordar assuntos vistos, invariavelmente, do ponto de vista da subjetividade. Significa a motivação estética. Significa remeter ao imaginário. Significa entrar em contato com especulações e não com lições. Significa o uso livre da fantasia com forma de experimentar a verdade. Significa a utilização de recursos como a linguagem metafórica. Significa o uso criativo e até transgressivo da Língua. Significa discutir verdades estabelecidas, abordar conflitos, paradoxos e ambigüidades (um príncipe transformado num sapo ou uma menina, Raquel, que em sua bolsa amarela guarda a vontade de crescer e de ser um menino ou uma personagem, Peter Pan, que se recusa a crescer). Significa, enfim, tratar de assuntos tais como a busca do auto-conhecimento, as iniciações, a construção da voz pessoal, os conflitos entre gerações, os conflitos éticos, a passagem inexorável do tempo, as transgressões, a luta entre o caos e a ordem, a confusão entre a realidade e a fantasia, a inseparabilidade do prazer e da dor (um configura o outro), a existência da morte, as utopias sociais e pessoais entre outros.

São assuntos, note-se, sobre os quais não há o que “ensinar”. Não são constituídos por informações atualizáveis ou mensuráveis. São temas, isso sim, diante dos quais adultos e crianças podem apenas compartilhar impressões, sentimentos, dúvidas e experiências.

E isso nos leva ao segundo dos dois pontos que aqui tentamos discutir de forma breve.

Se a divisão de pessoas em faixas etárias – o pressuposto de que grupos de idade apresentam, em princípio, as mesmas características e seriam de alguma forma homogêneos – faz sentido quando pensamos em aulas de ginástica ou mesmo se levarmos em consideração os conteúdos das várias matérias escolares, organizados e subdivididos em graus – por exemplo da 1ª à 8ª série – quando falamos da vida mesmo e da experiência humana – ou da literatura –, a paisagem é muito outra.

É preciso lembrar o óbvio: uma criança é um ser humano e não uma categoria abstrata e lógica. Logo, está exposta a inúmeros fatores: contextos sociais e familiares,

seu próprio temperamento, acasos e acidentes, sentimentos, experiências concretas de vida, traumas, concepções culturais, entre outros fatores.

É possível encontrar uma criança mais experiente que um adulto. Qualquer uma abandonada, e são tantas por aí!, que viva debaixo de uma ponte, pode ter muito a contar sobre a experiência e os limites do ser humano. Qualquer criança alfabetizada, por outro lado e em tese, pode ensinar adultos analfabetos.

É preciso lembrar que um homem de oitenta anos está em pleno processo de aprendizado pois nunca teve oitenta anos antes.

É preciso lembrar que, em certas camadas da população, é possível encontrar avós de trinta anos de idade, mães com doze anos e jovens da mesma idade que já trabalham e ajudam ou mesmo sustentam a casa.

É preciso lembrar que em certas camadas da população, é possível encontrar jovens de vinte anos ou mais, que nunca trabalharam nem têm qualquer noção do que seja uma sociedade, a política ou a cidadania.

É preciso dizer que as implicações cognitivas impostas pela aquisição da escrita e da leitura são fatores a serem levados em conta. Pesquisas iniciadas por Luria, e estudos recentes de psicólogos e antropólogos como Walter Ong, David Olson, J.Peter Denny e Jack Goody, entre outros, mostram que certas características normalmente atribuídas às crianças reaparecem em adultos provenientes de culturas ágrafas. Isso quer dizer que atributos como a capacidade de descontextualização, o pensamento abstrato e o pensamento por silogismos, não têm necessariamente a ver com etapas do desenvolvimento cognitivo infantil mas sim com um certo tipo de cognição, em suma, com determinados modos de ver e captar a vida e o mundo.

É preciso ainda lembrar que adultos e crianças apresentam algumas diferenças conjunturais e muitas semelhanças estruturais: têm sentimentos, são mortais, são sexuados, sentem fome, prazer e dor física, sonham, podem confundir realidade e fantasia, podem sentir medo, gostam de ser bem tratados, e assim por diante.

Vejamos a descrição feita por Chrétien de Troyes, no século XII, de Cliges, o heróico personagem de sua obra *Cliges ou a que fingiu de morta*. Apaixonado pela bela

Fenice, noiva e, depois, esposa de seu tio, o rei, Cliges enfrenta a tudo e a todos, usa da coragem, da magia e do ardil e acaba ficando com a moça para si.

“Para evocar a beleza de Cliges, quero fazer uma descrição que será apenas uma breve passagem. Ele estava na flor da idade, pois tinha cerca de quinze anos. Era mais belo e gracioso que Narciso, que sob o olmo viu na fonte sua forma e ao vê-la tanto a amou que morreu, conforme contam, porque não a pôde alcançar.(...) Tinha nariz bem feito, boca bela, e era de tão grande estatura que Natureza não o poderia ter feito melhor, pois em um único colocara o que dá em parcelas a todos. Conhecia melhor a esgrima e o arco que Tristão, sobrinho do rei Marc, e melhor também a caça com pássaro e a caça com cães. Nenhuma qualidade lhe faltava.”⁶

Como comparar o jovem Cliges com um adolescente atual, retratado, em geral, como um ser cheio de espinhas usando aparelho de dentes, um “aborrescente”, infantilizado, irresponsável, subestimado, confuso e, apesar de escolarizado, alheio a si mesmo e aos assuntos da vida e do mundo?

É preciso reconhecer, convenhamos, de uma vez por todas, que a divisão de pessoas em faixas etárias é apenas um procedimento histórico, cultural e ideológico, que vem sendo tratado, equivocada e infelizmente, como “natural”.

Que capacidades estão virtualmente disponíveis nas crianças e jovens, e quais delas realmente estão sendo desenvolvidas hoje? O que ocorre com pessoas que têm suas potencialidades bloqueadas?

As respostas a essas indagações talvez ajudem a explicar o assassinato do índio Galdino por jovens estudantes do segundo e terceiro grau, estudados, diplomados e, paradoxalmente, preconceituosos, alienados e infantilizados.

Gostaríamos de lembrar as palavras ditas em 1681 por um certo Marechal de Cailliére, que criticava as novas concepções educacionais que dariam início às escolas modernas.

“Não basta conhecer a ciência ensinada no colégio. Há outra ciência que nos ensina como devemos nos servir daquela (...) uma ciência que não fala nem grego nem latim, mas que nos mostra como utilizar essas línguas. Encontramo-la nos palácios, entre os príncipes e os grandes senhores. Ela esconde-se também nas ruelas de mulheres, deleita-se entre as gentes de guerra e não despreza os comerciantes, os lavradores ou os artesões. Ela tem

⁶ TROYES, Chrétien. *Romances da Távola Redonda*. São Paulo, Martins Fontes, 1991, p. 93.

por guia a prudência e, como doutrinas, as conversações e a experiência das coisas”⁷

Concluindo, a crença num mundo abstrato e higiênico, dividido em faixas etárias, mundo que simplesmente ignora a experiência das coisas, concreta e individual, vivida por cada um de nós, somada à confusão existente entre os diferentes tipos de livros produzidos – confusão, diga-se de passagem, alimentada justamente pelas concepções que arbitrariamente dividem pessoas em faixas de idade – podem ajudar muito a estabelecer “fatias” do mercado editorial ou a facilitar a organização burocrática das escolas, mas, a nosso ver, não têm contribuído para formar cidadãos criativos, participantes, dotados de senso crítico e visão humanista da vida e do mundo. Nem para a formação de leitores, ou seja, pessoas que saibam utilizar livros em benefício próprio.

Bibliografia

ARIÈS, Phillipe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1981, p..242.

AZEVEDO, Ricardo. Dissertação de mestrado *Como o ar não tem, cor se o céu é azul? Vestígios do contos populares na literatura infantil* disponível na biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo.

————— “Aspectos da Literatura Infantil Brasileira” in Revista Releitura, Belo Horizonte, 2001, nº 15.

TROYES, Chrétien. *Romances da Távola Redonda*. São Paulo, Martins Fontes, 1991, p. 93.

Resumo: Este breve artigo busca refletir sobre um dos aspectos envolvidos na questão da formação de leitores. Trata-se da divisão de pessoas em grupos de idade, procedimento corriqueiro seja dentro ou fora do âmbito escolar. Baseado em concepções abstratas e culturais, mas muitas vezes apresentadas como “naturais”, que pressupõem a existência de dois universos excludentes e nítidos, o adulto e o infantil, tal procedimento tem tido influencia na criação e na produção editorial de livros para crianças, assim como na própria visão do que seja a arte e a literatura.

Palavras-chave: Literatura – Educação – Formação de leitores

⁷ ARIÈS, Phillipe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1981, p..242.

Abstract: This paper searches to think about one of the aspects involved on readers formation issue. It is the division of persons in age groups, common procedure out or inside schools. Based upon abstract and cultural conception, several times seeing as “natural”, which presuppose the existence of two s excluded and clear universes, adulthood and childhood, this procedure has had influence under creation and editorial production of children books, as well on vision of art and literature.

Key words: Literature – Education – Readers formation